

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º & entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	45000	23000	-5-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios)	55000	28500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	156000	78500	-5-	-5-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 103

1 DE NOVEMBRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.



CREANÇAS DE VALENCIA DE ALCANTARA PRESENTEANDO D. AFFONSO XII — ACAMPAMENTO REAL EM VALENCIA DE ALCANTARA  
VISTA DE CACERES — COMBOIO REAL — HABITANTES DE HERREKUELA

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DIRECTO DE MADRID Á FRONTEIRA DE PORTUGAL, 8 DE OUTUBRO DE 1881

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O terramoto de Lisboa no 1.º de novembro de 1755, BRITO REBELLO — As nossas gravuras — Largo da Alfandega e ponte em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — Progressos da Telegraphia — A edição dos Lusíadas de Emilio Biel.

**GRAVURAS.** — Inauguração do Caminho de Ferro Directo de Madrid á Fronteira de Portugal — Conde Manuel Puarque de Macedo, Ministro do Estado do Brasil — General José Maria de Pina — Africa Portuguesa, Moçambique, Largo da Alfandega e ponte — Lisboa, Cemiterio Occidental — Oliveira de Azemeis, Igreja Matriz — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Envergonhamo nos realmente de ter de fallar todos os dias no theatro de S. Carlos e de lhe darmos o logar de honra na nossa chronica. Mas não podemos furtar-nos a isso desde o momento em que o paiz lhe dá o logar de honra nas suas attentões, ao mesmo tempo que não nos fornece assumptos de mais alcance e de maior importancia.

Vamos, pois, envergonhados, tornar a fallar em S. Carlos.

A empresa comprehendeu finalmente que o publico queria ver no theatro de S. Carlos alguma coisa mais que o olhar severo do sr. Arrobos, e os bigodes e peras dos policiaes disfarçados, plantados pelas cadeiras e pela geral, e como a intenção do paiz, subsidiando o theatro lyrico, e a do publico, pagando os seus logares, não é precisamente a de ter ali, no vasto theatro da rua Nova dos Martyres, uma vasta exhibição de forças policiaes, o sr. Freitas Brito resolveu-se a escripturar uma artista a valer, que lhe custa mais caro seguramente que os lugares fornecidos ao pessoal de todas as esquadras policiaes de Lisboa, mas que, em compensação lhe dará mais entrada de porta que as paradas policiaes que ali, durante este mez, tem substituído os espectaculos lyricos.

Essa artista, escripturada simplesmente para um numero restricto de operas, é a sr.ª Bianca Donadio, uma cantora formosa e famosa que ha dois annos o publico applaudo muito nos concertos do Colyseu de Lisboa, pseudonymo que tomou cautelosamente o circo de Price, quando, em vez de clowns e de *voltigeuses*, de homens de força e de cavallos intelligentes, passou a apresentar ao publico lisboeta Sarazates, Essipoffs, Donadios, e Bretons.

Portanto sabia-se já em Lisboa que a sr.ª Donadio, tinha uma esplendida voz, um bello methodo de canto, uma garganta privilegiada para as difficuldades rendilhadas das *floritures*, mas o que se não sabia era se ella teria os recursos scenicos necessarios para ser uma boa cantora de opera, como era uma magnifica cantora de concerto.

O publico foi ver isso na primeira noite do *Barbeiro de Sevilha*, e verificou, com os seus applausos, que a formosa artista tinha esses dotes, e que não foi sem muito bom senso artistico que o fogo a poupou no theatro de Nice.

A sr.ª Donadio cantou e representou muito bem a parte de Rosina da velha partitura de Rossini, e as variações que cantou na *licção* do 2.º acto accordaram uma d'essas estrepitosas e entusiasticas ovações a que é completamente alheia a policia civil, e que dormiam a somno solto desde que a sr.ª Borghi-Mamo desapareceu do palco de S. Carlos.

O tenor Deliliers, que se estreou juntamente com a sr.ª Donadio, tem uma voz pequenina mas agradável, sabe cantar muito bem, é um artista fino, que conhece os perigos a que o expõe constantemente a sua falta de voz, e que sabe rodeal-os, habilmente, fazendo com que todos o applaudam justamente nos momentos em que todos julgavam que o iam patear.

Os outros artistas que desempenhavam a opera de Rossini foram muito mediocres.

— O theatro de D. Maria, como os da Trindade e Gymnasio, achou tambem o seu successo theatral com a peça de Dumas filho.

A *Prinzeza de Bagdad*, essa peça que na 1.ª noite produziu no theatro Francez um *charivari*, dos taes que nunca ha lá fóra, como é costume dizer-se em Lisboa, e que tendo muitos defeitos, tem a resgatal os as qualidades possantes de dialogador de Dumas filho, qualidades perigosas que fazem parecer obras primas os maiores absurdos, e as mais aleijadas concepções artisticas.

A peça, traduzida primorosamente pelo sr. Moura Cabral, um escriptor delicadissimo que os leitores do OCCIDENTE tem já tido occasião de apreciar na nossa folha, teve um excellente desempenho pelos artistas de D. Maria, e perfeitamente excepcional pela actriz Virginia que foi assombrosa de talento na grande scena final do 2.º acto.

Depois de ter dado ao theatro portuguez as mais deliciosas creações de *ingenua*, a actriz Virginia passou agora por uma transição felicissima para os *premiers roles* e essa falta que havia no pessoal dos nossos theatros, e que se sentia tão claramente nos dramas representados n'estes ultimos annos, começou a desaparecer quando Virginia fez a sua esplendida creação da duqueza de Septmons na *Estrangeira*, e desapareceu agora de todo com a maneira extraordinaria porque é desempenhado o papel de *Lionnette*, que nem mesmo nos tempos aureos antigos do theatro portuguez teria actriz que melhor o vivesse em scena.

A *Prinzeza de Bagdad* foi um triumpho notavel para a notavel actriz, e os grandes papeis do repertorio francez, que até hoje não tinham quem os fizesse em Portugal, acharam agora uma interprete brilhante e gloriosa.

— Em quanto Lisboa se preoccupa com os seus theatros, e trata da arte lyrica e da arte dramatica, esperando, para tratar da arte ornamental, a proxima abertura da exposição extraordinaria que se deve effectuar no mez proximo com a assistencia do rei de Hespanha, o Porto inaugurou no dia 16, no Palacio de Crystal, uma exposição de historia natural, pensionada pela sociedade de Instrucção do Porto, e que nos dizem ser interessantissima.

A exposição occupa duas salas ao rez-do-chão — a sala dos bilhares e a da leitura — e uma no primeiro andar, a de bellas-artes, e é rica em productos zoologicos, mineralogicos, botanicos e geologicos, distinguindo-se entre todos, os expostos pelo sr. Augusto Luso, professor do lyceu do Porto.

Os exemplares de geologia agricola, de mineralogia, de paleontologia, de botanica, de entomologia agricola, de crystallographia e de conchiologia expostos pelo collegio Pestalozzi, são tambem muito notaveis.

Na sessão da abertura, o discurso inaugural foi pronunciado pelo sr. dr. A. F. Ferreira da Silva, director da secção de sciencias naturaes da sociedade promotora da exposição.

A exposição tem sido muito concorrida.

— Em Lisboa houve tambem uma pequenina exposição especial de piscicultura, que tem feito sensação... na rua do Ouro: uma exposição publica, n'uma loja da India, de peixes formosissimos, que rivalisam, em belleza, com tudo o que temos visto de mais delicado em aves!

Nunca imaginámos que, n'este genero de peixes de aquarios de sala, podéssem haver exemplares tão bellos.

Nos leques chinezes apparecem ás vezes pintados uns peixes phantasticos, das côres mais extraordinarias, que parecem ser filhos da imaginação chinesa.

Pois, os peixes que estão em exposição e em venda na rua do Ouro, excedem as imaginações chinezas. São positivamente um encanto; uns parecem de veludo, outros de rubis, outros de saphyras: fogem perfeitamente á descrição. E' verdade que o seu preço foga tambem aos usos do mercado portuguez, e tem assustado muita gente. Ha casaes que custam uma libra. Ora, nós, comparando esses peixes com uns passarinhos da Africa e do Brazil, que se vendem ahí a 10 e 20 mil reis, achamos baratissimos os peixes.

Entretanto, concordamos que ha pescadas, pargos, e linguados muito mais baratos.

— No tribunal da Boa Hora, houve na semana passada dois julgamentos curiosos; o julgamento de dois homens de letras querellados pelo sr. governador civil, um por causa d'um soneto — o sr. Gomes Leal, outro por causa d'uma noticia publicada no jornal o *Mandarim*, o sr. Barros Lobo.

O interrogatorio dos dois reus foi interessante.

O sr. Gomes Leal declarou que fizera o soneto na intenção de metter a ridiculo o sr. conselheiro Arrobos, mas que sempre esperára que o sr. Arrobos se lhe quizesse responder, não lhe respondesse com uma querella, mas sim com um soneto, armas eguaes.

O sr. Barros Lobo, interrogado pelo sr. juiz sobre umas reticencias que poz na sua noticia acerca do sr. governador civil, explicou que essas reticencias substituíam um segredo que não tinha ouvido.

— Não ouviu?

— Não senhor.

— Mas o senhor declara na noticia que o ambiente ficou mudo de assombro. Como explica isso?

— E' que o ambiente ouviu e eu não. Tenho o ouvido mais duro que o ambiente.

O sr. juiz condemnou no primeiro julgamento o sr. Gomes Leal a oito dias de Limociro — querem por força fazel-o Torcato Tasso: e no segundo, absolveu o sr. Barros Lobo e condemnou o sr. governador civil nas custas do processo.

É curioso pois não é!

Ai! que se eu soubesse compor musica, como enriqueceria, e como enriqueceria a empresa da Trindade.

— A fatalidade obriga-nos a envergonhar-nos no fim d'esta chronica como nos envergonhámos no principio: isto é a fallar de S. Carlos.

Depois de escripta esta chronica, cantou-se o *Roberto do Diabo*. A magnifica partitura de Meyerbeer pareceu uma massada monstruosa ao publico; imaginem que tal foi o desempenho. Foi tal, que apesar da platéa estar cheia de policia os espectadores esqueceram-se do Limociro para só se lembrarem que tinham ouvidos e pés. E' um spectaculo perigo-o este *Roberto*, e quem conciliar o amor da boa musica com o da liberdade não vá lá.

GERVASIO LOBATO.

## O TERREMOTO DE LISBOA

NO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755

Faz hoje cento e vinte e seis annos, que Portugal, e principalmente Lisboa, soffreram uma das maiores commoções e cataclismos de que a historia faz menção.

Decahida já bastante da grandeza com que no seculo XVI se ostentava como prinzeza dos mares, ainda os restos do imperio da Asia, as possessões da Africa e acima de tudo as colonias do Brazil, traziam ao Tejo feudos, cabedae e povoação em tal magnitude, que faziam considerar Lisboa como a terceira cidade da Europa, contando-se, como ainda hoje, Londres a primeira, Paris a segunda.

Não pretendemos historiar todas as peripecias d'aquelle dia tormentosissimo, nem ainda referir, ou sequer enumerar as perdas em edificios, preciosidades artisticas, litterarias, archeologicas, scientificas e em vidas que a nossa bella capital n'elle soffreu, mas apenas apresentar aos nossos leitores um ou dois quadros traçados por testemunhas oculares, já como pacientes d'aquelle enorme catastrophe, já como visitantes das ruinas por ella produzidas, e que são desconhecidos da maior parte dos leitores.

O primeiro é traçado por um joven inglez de appellido Chase, nascido em Lisboa, e que n'ella se achava e soffreu em tão memoravel dia, e enviado poucos dias depois em carta escripta a sua mãe. Esta carta communicada aos redactores do *Quarterly Review*, foi por elle publicada em extracto; julgando-nos assaz feliz por nos terem dado conhecimento d'ella,

para a podermos traduzir e transmittir aos nossos leitores.

Eis a carta do sr. Chase: —

«Quasi tres quartos depois das nove horas da manhã de sabbado, dia em que completava os meus vinte e seis annos, estava eu na mesma casa em que nasci, no meu aposento, situado no quarto andar d'ella, quando ao abrir uma papeleira, senti um abalo que reconhecii immediatamente ser um terremoto, brando ao principio, mas que augmentando gradualmente de violencia, me sobresaltou por tal modo, que voltando-me para olhar pela janella, me parecia que os vidros caíam.

«Surprehendido pela continuação do tremor, recordando-me immediatamente dos desgraçados acontecimentos de Callao, nas Indias Occidentaes Hespanholas, pensei que o mesmo ia succeder então; lembrando-me ao mesmo tempo que a nossa casa era velha e fraca, que qualquer carro pesado ao passar a fazia estremecer d'alto a baixo, corri immediatamente para o eirado.

«Esta divisão, como é de uso em muitas casas, consta de um simples quarto no alto da casa, com janellas á roda do tecto, sustentada por pilares de pedra. Ficava apenas um andar superior ao meu quarto, dominando o panorama da cidade desde o palacio real até o Castello.

«Eu estava ancioso por ver se as casas visinhas eram agitadas com igual violencia. Mal tinha chegado ao cimo da escada, quando a meus olhos appareceu o mais horrendo espectáculo.

«A casa começava a balouçar de tal modo, que para evitar o cahir vi-me forçado a lançar um braço de fóra da janella para me segurar á parede. As pedras d'estas ao separar-se roçando umas pelas outras, assim como as das outras casas com variados movimentos, faziam o ruido mais espantoso que jámais os meus ouvidos tinham percebido. A parede proxima da sala do sr. Goddard cahiu primeiro, seguida immediatamente por toda a parte superior da casa, e assim todas as mais que eu avistava até o castello. Então, voltando-me para o lado da frente do eirado, descobri toda a cidade derribada; vi ainda os topos dos dois pilares chocarem se, e não vi mais nada. Estava resolvido a atirar-me ao chão, mas supponho que não pude, porque me senti ir escorregando.

«Achei-me, quanto tempo depois não sei dizer, exactamente como se tivesse despertado de um sonho com as idéas confusas, tendo a bocca entupida por alguma coisa, que procurei tirar com a mão esquerda, que me não deixava respirar livremente, mas taes esforços fiz que a minha cabeça ficou inteiramente livre das calças. Passado isto, voltei a mim e recordando-me do que tinha acontecido, suppuz que o terremoto teria acabado, e por aquillo que eu tinha tão largamente visto, julguei que a cidade estaria completamente arrasada, e eu no cimo das ruínas.

«Olhando então á roda percebi que havia quatro paredes que se elevavam cerca de cincoenta pés acima de mim. O lugar onde jazia tinha proximo dez pés de comprido por dois de largo, não descobrindo porta nem janella em nenhuma das paredes. Extremamente admirado, lembrei-me de que havia um vão entre as casas. Não tendo visto cahir as partes mais altas dos dois predios, concluí que todos os habitantes deviam ter ficado sepultados, ou ao menos não entrevi nenhuma probabilidade de que se desembarçassem a tempo de me poderem prestar soccorro. Assim tomado de terror, pelo horroroso pensamento de estar exposto a morrer de similhante maneira, fiquei estupefacto, até que o ruido da queda das telhas e calças me fez procurar abrigo, sob um pequeno arco na parede proxima, opposta á minha cabeça.

«Estando assim, deparou-se-me um pequeno buraco que atravessava a parede de lado a lado. Tendo-me aproximado com difficuldade, arrastando-me para fóra dos entulhos, reconhecii que aquelle era muito maior do que suppunha, e introduzindo primeiro a cabeça e um braço e depois pouco a pouco o corpo todo, cahii

para um recinto abobadado, dois pés mais baixo, que suppuz ser o sustentaculo das duas paredes. Então, apalpando á roda, encontrei a um lado um pequeno corredor que circundando uma peça similhante a um forno, me guiou a um pequeno aposento onde estava um portuguez coberto de pó. Este ao ver-me apparecer n'aquelle estado, recuou assustado ben-zendo se e exclamou, como é natural em occasião de grande surpresa: Jesus, Maria, José! quem sois vós?! Como vindes d'ahi?!

«Logo que satisfiz á sua pergunta ajudou me a assentar n'uma cadeira. Em seguida juntando as mãos, ergueu as e os olhos ao tecto, demonstrando a maior afflicção e desalento. Depois d'isto examinei-me a mim proprio, o que até então não tinha podido fazer.

«O meu braço direito cahia pesado e como morto; o hombro estava descarnado e o osso quebrado; as meias estavam despedaçadas e as pernas cobertas de feridas; o tornozello direito, extraordinariamente inchado e um jorro de sangue esguichando d'elle; o joelho tambem muito contundido. A parte esquerda do tronco amolgada de modo que eu só podia respirar com difficuldade; a cara estava inchada, esfolada e escorrendo em sangue, com uma grande ferida por cima e outra por baixo do olho; muitas contusões cobriam o nariz e a cabeça.

«Mal tinha tido tempo de reparar no lastimoso estado em que me achava, quando sobreveio um abalo mais ameaçador que o primeiro. O pobre homem deitou a correr pela porta fóra. A violencia do tremor, junto ao cahir das casas e clamores do povo, moveram-me a procurar de novo abrigo na abobada, sob que eu tinha estado, esperando a todo momento que ella abatesse; mas voltando d'ali pouco depois e não apparecendo ninguem, saí pela mesma porta, por onde vira sair o homem, na esperança de o encontrar outra vez, ou alguma outra pes-ou. Agora em vez de um quarto, como eu esperava dei n'um vão de escada, com um pequeno lança para um lado, e descendo por outro lança, encontrei-me, com a maior surpresa, na rua, não tendo suspeitado achar-me tão perto d'ella.

«O povo estava todo em orações coberto de pó, e a claridade que se via era a de um dia escurissimo.

«Animado pela doce illusão de que as pernas tivessem vigor sufficiente para me levarem até á praia voltei-me e vi uma rua inferior. Erá esta muito estreita, entulhada com as ruínas das casas cahidas, que se elevavam á altura das que haviam ficado em pé. Esperando poder alcançar os campos, avancei alguns passos pela ladeira, encontrando o mesmo espectáculo por toda a parte, e n'uma rua á direita não vi outra coisa.

«Não sabendo que fazer e faltando-me as forças, cahii prostrado, justamente n'um sitio onde desembocavam tres ruas.»

— Em occasião de tanto risco, quando todos olhavam só o seu perigo e procuravam salvar-se, o sr. Chase deveu a sua salvação a um visinho, João Ernesto Forg, negociante de Hamburgo, pelo qual foi d'alli removido depois de algum tempo para uma casa que tinha resistido ao terremoto, e deitado n'uma cama, sendo-lhe as feridas pençadas por um cirurgião. Havia porem pouco tempo que estava deitado quando outro tremor, atendo coberto a cama de calça e pó, me fez cobrir os olhos com o braço esquerdo, esperando em breve ser aliviado de novas misérias.»

«Em seguida chegaram novas de que a cidade estava a arder por varias partes.

«Toda a tarde me occupei fazendo as mais melancolicas reflexões, enquanto as chammas se desenvolviam com inexprimivel rapidez ao alcance da minha vista, até perto das cinco horas em que pareceram approximar-se do quarto onde eu jazia.»

— Uma angustia se apoderou então d'elle, suppondo que tinha sido deixado só na casa, e que os seus amigos o haviam abandonado; porém tendo com grande difficuldade, para o seu estado de fraqueza, conseguido abrir a porta, encontrou-os silenciosos, assentados á roda da sala exterior.

«Eu roguei ao sr. Forg, com as lagrimas nos olhos, como um grande favor, que antes de se ver obrigado a deixar a sua casa, me atirasse pela varanda fóra, ou por qualquer outro modo acabasse comigo, mas não me deixasse em tão violenta agonia, pois receiava em pouco tempo acabar por uma morte mais afflictiva.

«Pedi-me elle que não lhe fallasse d'aquelle maneira, assegurando-me com toda a amabilidade, que nunca tivera a idea de me abandonar, e que se não houvesse outro auxilio, elle mesmo me levaria ás costas, e ambos correriamos o risco juntamente; que ainda não estavam cercados pelo fogo e havia ainda passagem livre.»

— Por favor de tão amavel guia, foi conduzido por entre casas cahidas, durante abalos que se repetiam constantemente, passando ruas, parte entulhadas pelas ruínas, parte presa das chammas, até a larga praça em frente do palacio, onde grande numero de fugitivos se haviam já refugiado, com alfaias e outros objectos que tinham podido salvar em trouxas.

«Achei-me pois, bem longe do que eu esperava, repentinamente desopprimido da constante apprehensão da queda das casas e perigo do fogo, como tinha imaginado quando estava no maior desespero, e havia perdido todas as esperanças de algum soccorro, animando-me a tal ponto, que, então, pela primeira vez, apesar do grande soffrimento em que estava, comecei a esperar que era possivel ainda viver, até que novos receios occuparam os meus pensamentos.

«Porque o povo possuido da idea de que era o dia de juizo, e querendo-se antes empregar em obras pias, tinha-se sobrecarregado de crucifixos e santos, e tanto os homens como as mulheres, durante os intervallos dos tremores entoavam ladainhas, ou atormentavam cruelmente os moribundos com ceremonias religiosas, e cada vez que a terra tremia, todos de joelhos bradavam: — *miserordia* — com a voz mais angustiosa que imaginar se pode.

«O receio de que o meu estado podesse excitar a sua piedade em tal occasião, quando a desordem era completa, e era impossivel prever que soccorro poderia receber um hereje, fazia-me temer a approximação de qualquer pessoa. Acrescente-se a isto que o Caes da Pedra, contiguo a esta praça, tinha-se já afundado, e o menor movimento da agua podia submergir-nos.»

— O sr. Chase foi casualmente transportado para um bote, e d'esta maneira se salvou da arruinada cidade. Elle remata a simples relação de estes successos, expressando a sua gratidão para com Forg «com quem eu tinha apenas ligeiras relações, mas que, similhante a um anjo da guarda, appareceu prompto a acudir-me na ultima extremidade.»

«Passado algum tempo soube que nenhuma parte da nossa casa havia caído, á excepção do eirado, onde eu estava, que ninguem da familia tinha perecido e apenas a governanta e um creado tinham sido maltratados pelo eirado, que sobre elles cahiu, quando fugiam de casa.

«O tecto do andar superior ficara contudo tão damnificado que elles tinham receio de entrar em qualquer das casas. É opinião geral que todo o prejuizo procedeu de terem sido acompanhados os tres primeiros abalos do terremoto por uma especie de movimento giratorio, similhante ao das vagas do mar, sendo para admirar como as casas resistiram a elle por tanto tempo. Não podia haver occasião e circumstancias mais desgraçadas para este infeliz povo. A cidade era cortada de ruas estreitas, e as casas, de construcção muito forte e assás elevadas, entulhavam todas as passagens quando caíam.»

Drama tão agitado como este por que passou Chase, por quantos milhares de pessoas seria experimentado com mais ou menos peripecias, com mais ou menos terror ou conformidade? e quantos, depois de soffrerem transeos similhantes, não morreriam de fome no seio das ruínas, apesar das providencias energicas tomadas pelo conde de Oeiras, depois marquez de Pombal?

(Continua)

BRITO REBELLO.

1. Os editores inglezes não tendo lido bem esta palavra escreveram — *Urado*.



CONSELHEIRO MANUEL BUARQUE DE MACEDO  
MINISTRO DE ESTADO DO BRAZIL — Fallecido em 29 de Agosto de 1881  
(Segundo uma photographia de Alberto Henschel & C.<sup>o</sup>)



GENERAL JOSÉ MARIA DE PINA — Fallecido em 24 de Setembro de 1881  
(Segundo uma photographia de A. S. Sousa)

## AS NOSSAS GRAVURAS

### CAMINHO DE FERRO DIRECTO DE MADRID À FRONTEIRA DE PORTUGAL

Inauguração da Secção  
de Cáceres a Valencia d'Alcantara

Por occasião da inauguração do caminho de ferro de Ciudad Real a Badajoz, proximo á fronteira portugueza, havia el-rei o sr. D. Luiz convidado o rei de Hespanha a uma entrevista proximo de Elvas, em sitio, onde tantas outras se tem realizado entre os soberanos dos dois Estados, a qual com effeito se verificou a 5 de fevreiro de 1879 (vej. o n.º 29 do nosso 2.º vol.); agora que Affonso XII vinha de novo proximo da fronteira portugueza, inaugurar a secção do caminho de ferro de Cáceres a Valencia d'Alcantara, que encurta a distancia entre Madrid e Lisboa, julgou do seu dever cavalheiresco convidar o rei de Portugal a avistar-se com elle em Hespanha, retribuindo assim aquelle primeiro convite. Foi a 8 de outubro proximo findo que o encontro se verificou em Valencia, onde se trocaram os cumprimentos, as saudações, os regosijos que haviam animado as primeiras vistas, com a differença infelizmente notavel, de que as primeiras tendo estado o

tempo mau se realizaram sob uma athmosphera tepida e risonha, que permittiu a ostentação das galas e manifestações populares, e que as segundas tendo até ahi estado o tempo bom, se realizaram sob um ceu carregado e chuvoso, que, se não impediu de todo os regosijos e festejos publicos, os contrariou em parte, fazendo diminuir a graça e prazer d'aquella amigavel aproximação. Depois do encontro, verificou-se a inauguração d'aquella linha, dando depois Affonso XII um brilhante lunch a D. Luiz I, onde se trocaram os brindes mais sympathicos e affectuosos para os dois soberanos e para os dois paizes.

Um dos extremos da secção da linha ferrea é Cáceres, cidade da Extremadura hespanhola, e que a nossa estampa representa. Esta cidade até aqui solitaria e nada ruidosa, no meio da sua provincia, acha-se situada n'um pequeno planalto, sobre uma quebra da cordilheira que borda a margem esquerda do Tejo. Distinguem-se n'ella duas partes, a antiga sobre o cabeço, e a moderna na parte mais baixa do recosto do monte, apresentando á vista um gracioso e ridente panorama.

Segundo alguns historiadores deve a sua fundação a Cecilio Metello, e segundo outros aos cartaginезes; em todo o caso era conhecida antigamente pelo nome de *Castra Cocilia*, e teve

## AFRICA PORTUGUEZA



MOÇAMBIQUE — LARGO DA ALFANDEGA E PONTE (Segundo uma photographia)

larga importancia durante a dominación romana e em toda a historia da Lusitania até á entrada dos suevos.

Conserva muitos restos da sua grandeza taes como uma estatua de Ceres, algumas lapides votivas e commemorativas, uma Diana no palacio dos antigos Condes de Torre Mayorazgo; varias columnas, mosaicos, restos de antigas muralhas, varias inscripções, etc.

Dos tempos christãos apresenta monumentos importantissimos, como: a igreja de Santa Maria, construcção magnifica do seculo XV; a de S. Matheus, de antiguidade incerta, mas reedificada por 1500, com toda a belleza, graciosidade e elegancia da architectura d'aquelle esplendido periodo; a de S. Thiago, berço da Ordem de cavallaria d'esta



LISBOA — CEMITERIO OCCIDENTAL. (Apontamentos do natural por Casanova)





concepções dos grandes modelos, e dão-lhe as notas que lhe servem de meio, de ornato e não de fim; a crença viva religiosa, fal-o lastimar a divisão das seitas do christianismo, olhando-a como um erro e fraqueza, perante a potencia invasora do islamismo; a vida cortezã misturada com os combates das fronteiras africanas, dão-lhe aquella galhardia guerreira cujas notas não se confundem com as de nenhum outro poema; a philosophia da historia inspira-lhe as reflexões do velho nas praias do Rastello, e muitos outros trechos não menos profundos; em fim, a sciencia do seu tempo, e os novos mysterios dos mares e terras descobertas, dão-lhe a pujança das descripções e grandeza das creações immortaes. De todo este conjuncto, sae perfeitamente consentanea e congruente a grande figura do crente, do philosopho, do guerreiro, do erudito, do poeta. Podem notar-se no estudo do illustre poeta uma ou outra expressão menos exacta, como quando por exemplo, nos fala das *dicisões dos noivos*; e ainda por ventura alguns equívocos quando toca na historia da typographia entre nós, e na successão das publicações litterarias, mas isso provem de não estarem ainda perfeitamente elucidados estes assumptos, e assentes entre nós. Aparte estes pequenos senões, tanto o estudo *Camões e os Lusíadas*, como o poemeto *A Visão*, que se lhe segue, parecem-nos ser o que melhor se escreveu por esse tempo a respeito do nosso épico, o que mais em harmonia está com o tempo e vida de Camões, e o que mais digno é da sua grande personalidade.

Na parte artistica, cada canto é precedido de uma linda e magnifica portada em chromo-typographia, imitação do antigo, e de uma belleza grandiosa.

As estampas gravadas que adornam os Cantos do poema, algumas são extrahidas da antiga edição do morgado de Matheus, reproduzidas em phototypia pelo proprio sr. Biel, bellas para o seu tempo, mas que não podem resistir ao exame da critica moderna.

As restantes, todas encomendadas a artistas allemães de grande merito, abundam nos mesmos defeitos. O sentir, o pensar, o viver dos portuguezes d'aquelle tempo, em summa, as scenas que se descrevem no poema, não podem ser muito bem comprehendidas por artistas do norte, que, embora possuindo grande talento e sciencia, se tem conservado um tanto fieis ás tradições e meios classicos, improprios do tempo de hoje e da maneira moderna de ver e tratar os assumptos. Se se tivessem procurado de preferencia artistas italianos, hespanhoes, portuguezes ou mesmo francezes, a parte illustrada teria de certo outro cunho, outro caracter, introduzindo-se n'ella dados mais exactos com relação aos usos e costumes, que hoje em vista dos conhecimentos iconographicos e archeologicos, formam a base de toda a interpretação artistica, e são de uma necessidade e importancia indiscutivel em tudo o que é producto da arte.

Faz pena pois ver tantos esforços, tamanho cabedal, tão boa vontade, não terem sido acompanhados pelo alto criterio e senso artistico de que tantos modelos nos



OLIVEIRA DE AZEMEIS — EGREJA MATRIZ (Segundo um desenho do natural, por J. J. S. Praça)

offerece a arte moderna nas illustrações das grandes edições do *Paraizo Perdido*, do *Dante*, do *D. Quichote*, dos *Echos das Montanhas*, etc.

Embora porem o desempenho artistico, ainda que bom, seja inferior ao que era de esperar, para corresponder ao desempenho litterario e typographico, a edição do sr. Biel é um monumento, o seu editor bem merece das letras e da memoria de Camões, vinculando a ella o seu nome a par do do morgado de Matheus, e o seu

commettimento é o mais importante do centenario, como acima dissemos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Já está á venda este almanach, **completa novidade.**

O *Almanach Illustrado do Occidente* é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculpturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Cossoul e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém calendario completo e illustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornaes que se publicam em Portugal, lei do sello, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco com premio para quem o advinhar.

Um elegante frontespicio original de M. de Macedo e uma esplendida capa em chromo-lithographia, original de A. Ramalho, representando uma festa infantil.

**Preço 240 réis**

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á EMPREZA DO OCCIDENTE, rua do Loreto, 43, Lisboa, onde se devem dirigir todos os pedidos.